



Práticas Religiosas entre os Warao

Religious Practices among the Warao

Walison Almeida Dias

Universidade Federal do Pará e UNINORTE

Flávia Cristina Silveira Lemos

Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo aborda questões de etnoreligiosidade entre os Warao e como esses sujeitos constroem suas linguagens e símbolos sagrados em contextos de (des)territorialização. O objetivo deste estudo é analisar como os Warao expressam sua religiosidade, considerando o contexto desses indivíduos. São apresentados dados etnográficos colhidos durante o período de pesquisa de 2020-2023, oferecendo uma interpretação das características cosmológicas da etnia e de como essas são ressignificadas na cidade de Belém. A religiosidade dos Warao é abordada no espaço de abrigo no bairro do Tapanã e leva em consideração os aspectos relacionados às práticas e agentes religiosos encontrados nesse contexto. A interpretação dos dados considerou a bibliografia prévia, bem como documentos da ONU-ACNUR e de outros departamentos públicos que lidam diretamente e indiretamente com a questão dos Warao na cidade de Belém/PA. Os resultados obtidos mostram que as representações socio-religiosas dependem de um contato entre o ethos, os mitos, das relações de parentesco, formação familiar e das relações comunitárias, ao passo que se busca legitimidade pelas práticas de dano em contextos de deslocamento pela Amazônia.

Palavras-Chave: Warao, Deslocamento, Práticas religiosas, abrigo, Tapanã

Abstract: This article addresses issues of ethno-religiosity among the Warao people and how these individuals construct their sacred languages and symbols in (de)territorialization contexts. The objective of this study is to analyze how the Warao express their religiosity, considering the context of these individuals. Ethnographic data collected during this research period of 2020-2023, providing an interpretation of the cosmological characteristics of the ethnicity and how they are redefined in the city of Belém. The religiosity of the Warao is addressed in the shelter space in the Tapanã neighborhood, taking into account aspects related to religious practices and agents found in this context. The interpretation of the data considered previous literature, as well as documents from the UNHCR and other public departments that directly and indirectly deal with the issue of the Warao in the city of Belém/PA. The results obtained show that socio-religious representations depend on contact between ethos, myths,

Recebido em: 21 abr. 2024 - Aprovado em: 07 jul. 2024.

kinship relations, family formation, and community relations, while legitimacy is sought through *daño* practices in the context of displacement in the Amazon.

Keywords: Warao, Displacement, Religious practices, Shelter, Tapanã

Introdução

Os Warao apresentam-se como um coletivo agrupado em torno de uma unidade linguística. O etnônimo é comumente atribuído à expressão *Wa Arao*, “Povo das Canoas” ou “Navegantes”, referência aos habitantes do litoral caribenho tidos como hábeis canoieiros e pescadores (Santos, Ortolan, Silva, 2018). Sendo um povo das águas, detêm a uma vocação náutica e marítima enraizada historicamente no processo de construção de suas identidades. Em decorrência disso, os Warao desenvolveram uma cultura de coleta e de agricultura muito em virtude dos contatos com as etnias Arawak e Karibs, povos que se estabeleceram nas pequenas Antilhas no Caribe por volta de 1200 AeC (Allaire, 1997), muito populosos na Amazônia colonial, sendo possível conjecturar relações de parentesco entre esses grupos.

Os ameríndios que estão no Brasil são em suma 87% residentes de áreas rurais dos municípios de Antônio Díaz e Pedernales (ACNUR, 2019). Estudos antropológicos apontam que os Warao representam o grupo mais antigo do país, habitando o delta do rio Orinoco (em warao *Wirinoko* = Wiri “onde remamos” / Noko = “Lugar”), há pelo menos oito mil anos.

Há um maior adensamento étnico na região do Delta Amacuro (Zona utópica para onde se volta toda a cosmologia dos Warao), Cumaná, Sucre, Antônio Díaz, Pedernales e por parte do estado de Monagas, nos caños (braços de rio) (Venezuela), sendo possível mapear três aspectos de ocupação da etnia: de adensamento geográfico – o que se refere ao processo de deslocamento, interiorização e ocupação na Amazônia; narrativo – quando a mobilidade é justificada e impulsionada em sua cosmologia ameríndia; e de densidade étnica – quando a própria mobilidade e ocupação demanda a manutenção das estruturas clônicas e familiares para a sobrevivência e demarcação do espaço.

O processo de mobilidade dos Warao encontra legitimidade em narrativas mitológicas como o “mito do primeiro Warao”, feitiçarias, bruxarias e por um sistema animista de seres espirituais chamados de “kanobo”. Ao evocar estas expressões, os Warao reinterpretam o espaço, tempo e a natureza com o intuito de reafirmar seus direitos de mobilidade pelos territórios tradicionais amazônicos e de se integrar ao meio.

Sobre isso, os discursos mitológicos entre os Warao consideram um esforço coletivo de ressignificação do sofrimento, da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo, da impotência e da fragilidade, tornando toda esta agonia da (des)territorialização pós-colonial algo tolerável e suportável, com possibilidade de resiliência. A importância de justificar suas mobilidades em uma dimensão mitológica, é, na verdade, uma tentativa de oferecer uma “garantia cósmica, não apenas para sua capacidade de compreender o mundo [ou uma nova forma de compreender], mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo.

Partindo desses pressupostos, “o homem pede ao pensamento mágico para fornecer-lhe um novo sistema de referência, no qual dados até então contraditórios

possam ser integrados” (Strauss, 1978), de modo que se faz necessário refletir sobre o que se cria a partir do impacto da (des)territorialização pós-colonial nas narrativas cosmológicas, como esses símbolos visam dar conta do fenômeno. Desta forma, é importante para a antropologia e os estudos de religião, compreender as relações dos saberes religiosos com os processos de mobilidade da etnia.

Os atores religiosos, aqui denominados como *Wizidato*, bruxos, *Bahanaroto*, *Huaroto* ganham protagonismo ao compreender e executar os ritos de cura e malefícios, no qual o problema do *daño* e da bruxaria (como conceito êmico) recaem facilmente em uma questão do mal, passando a ser bastante presente no fluxo migratório, o qual o *daño* apresenta-se como uma categoria de forte impacto na cultura desta etnia que condiciona à espacialidade.

Na cidade de Belém, especificamente no bairro do Tapanã, a poucos metros do cemitério do bairro, próximo da rodovia Arthur Bernardes e as margens da baía do Guajará, encontra-se o espaço de abrigo do município para os ameríndios Warao. O mesmo foi criado em parceria com o Auto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Prefeitura de Belém e o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o qual é gerenciado pela Fundação Papa João XXIII (FUNPAPA), neste espaço encontra-se o colaborador deste estudo, o *Aidamo* Valentin Perez.

Do ponto de vista de gênero, as práticas religiosas e de cura possui um forte protagonismo masculino, no qual as habilidades são exercidas em dois tipos de classificações sociais: confederação clânica e/ou familiares.

As atividades desses sujeitos são marcadas por uma religiosidade e reivindicação de *status*, nos quais observa-se uma robusta dimensão de saberes religiosos que se baseiam em tradições e memórias. Esse mecanismo funciona como um canal de agenciamento para a preservação das memórias coletivas, histórias e narrativas, constituindo uma prática que mantém viva os aspectos religiosos do grupo. A religiosidade presente no espaço de abrigo desempenha um papel significativo na organização dos comportamentos e na reconfiguração das interações afetivas. Em muitas ocasiões, as próprias práticas religiosas são utilizadas como meio de troca e negociação no contexto das interações. Nessa perspectiva, destaca-se o papel central do *Wizidato*, considerado um médico tradicional com conhecimentos específicos e naturalistas.

Dessa maneira, escrever sobre essas relações, é um esforço para entender a singularidade dos ritos, além de identificar as mudanças ocorridas ao longo do processo de mobilidade e seus respectivos modos de existir nos espaços de contato com outros grupos étnicos, pelo olhar do *Aidamo* Valentin. Trata-se, sobretudo, de um sujeito que fala de um lugar específico, que viu a chegada do homem branco (Criollo) como uma ruptura étnica, ambiental e antropológica, suas modificações socioeconômicas, culturais e mitológicas, além de um apanhado de acontecimentos ligados às crenças que marcam o viver dessas pessoas e a construção de seus respectivos saberes.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar as relações dos saberes religiosos Warao no processo de mobilidade na Amazônia paraense, a partir dos eventos narrados pelo *Aidamo* Valentin Perez. As questões norteadoras desta pesquisa foram: qual o papel social dos *Wizidatos*, Bruxos, *Bahanarotos* e

Huarotos nas relações de cura? Como se dá a adesão dos *status* desses sujeitos? Qual o impacto desses sujeitos na região metropolitana de Belém?

1 Metodologia

A realização desta pesquisa teve como base um estudo etnológico profundo com os grupos da etnia Warao, envolvendo a imersão e interação com suas rotinas, hábitos e costumes. O objetivo principal foi compreender as dinâmicas internas dessa etnia. Nesse processo, procurou-se estritamente seguir o que foi estabelecido no Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao (2020), levando em consideração a necessidade de respeitar suas formas de organização comunitária.

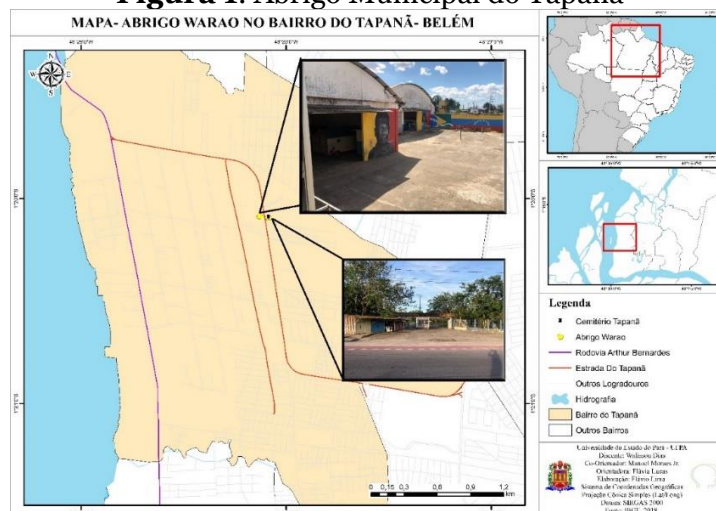
Essa abordagem colaborativa permitiu uma interação mais significativa com a comunidade, facilitando a compreensão de suas práticas culturais e religiosas, onde a pesquisa buscou ser sensível às necessidades e perspectivas dos colaboradores a fim de contribuir para uma compreensão mais profunda e precisa de sua religiosidade e cultura.

1.1 Local da pesquisa

O Tapanã é um bairro que fica localizado entre as avenidas Augusto Montenegro e Arthur Bernardes, e tem por acesso a estrada do Tapanã e a rua Padre Bruno Sechi (antiga rua Yamada). Histórias locais apontam que o surgimento do bairro está relacionado com a invasão de uma fazenda no final do séc. XIX por sem-terra. Outras versões ainda narram que este surgimento tem fortes relações com a Segunda Guerra Mundial, na qual a região serviu de hospedagem para imigrantes e soldados que vinham dos interiores pela via férrea Belém-Bragança na época da borracha. O nome do local surgiria de uma hospedagem que havia na localidade, chamada “hospedagem Tapanã”, que muitas vezes era traduzida por “hospedagem do inferno” ou “hospedagem do diabo” devido a sua distância do centro de Belém.

Não obstante, é neste bairro que se encontra o abrigo municipal (Figura 1), surgido em contextos complexos diante de uma forte demanda da retirada dos Warao do cenário de rua e de moradias irregulares sem qualquer dignidade humana, sendo uma resposta (paliativa) à vulnerabilidade desses grupos.

Figura 1: Abrigo Municipal do Tapanã



Fonte: Dados do pesquisador

O abrigo municipal do Tapanã apresentou-se como uma medida necessária, uma vez que crescia o fluxo migratório dos Warao para a capital, sobretudo, com o agravamento da pandemia de covid-19 que se espalhava pelo mundo, o que exigiu dos Estados e Municípios, políticas públicas emergentes para o rápido abrigamento da etnia.

No início dos processos de alojamento das famílias em 2020, estimou-se que os galpões alugados comportavam pouco mais de 400 pessoas, no qual priorizou-se grupos que já eram atendidos pelo município e àqueles que residiam nas pensões da Cidade Velha e na Campos Sales.

A ideia da centralização dos Warao no abrigamento do Tapanã era acompanhar e garantir o acesso à saúde, documentação, atendimento social, educacional e outras necessidades que foram surgindo com o passar dos anos. Ainda que isso dependesse das parcerias e das vontades políticas, muitas alternativas deram certo a este respeito. Os trabalhos desenvolvidos no abrigo ainda visavam a valorização cultural da etnia com a realização de atividades que possibilitavam uma melhor integração social por meio de oficinas de pintura, artesanato, soldagem e de panificação. A parceria com centros Universitários Federais e Estaduais, além de Institutos de Pesquisa (UFPA, IFPA e o NUFU-UEPA) e outras frentes, contribuíram para a ampliação das redes de colaboração visando a formação técnica e uma inserção dos Warao no mercado de trabalho.

Todo esse esforço oportunizou um cuidado maior com as situações as quais os Warao se encontravam, buscando atender de forma eficiente as demandas relacionadas a saúde emocional, biológica e de uma adaptação menos violenta à cultura paraense, pensando o abrigamento como uma prática integracionista. As capacitações técnicas dentro do espaço de abrigamento do Tapanã (Figura 2) auxiliaram na assistência, recepção e gestão do ambiente, sobretudo, quando se recebe novas famílias, nas quais os Warao passaram a auxiliar na tradução, acolhimento e adaptação desses novos grupos.

Figura 2: Abrigo Municipal do Tapanã



Fonte: Dados do Pesquisador

Não obstante, as relações entre a etnia e a gestão do abrigo facilitou a comunicação entre os dois segmentos, exercendo vínculos de poder no espaço. Esse tipo de gestão vê, nessas trocas, uma possibilidade de exercer suas influências sobre as regras de gerenciamento.

2.1.1 Organização socioeconômica

O tipo de organização econômica da etnia Warao antecede a globalização e a crise humanitária de imigração que esses sujeitos se inserem. Historicamente, os Warao praticavam uma economia de subsistência como coletores, pescadores, agricultores e caçadores. Dados históricos apontam para uma atividade extrativista desde o século XX, proveniente de deslocamentos sazonais orientados pelo ciclo das cheias do Orinoco, e “esses deslocamentos podiam alcançar até 120 quilômetros de distância, durando em média dois meses” (ACNUR, 2021). Assim, os Warao percorriam uma região em busca de alimentos, acampando em provisões temporárias no céu da floresta amazônica.

É somente depois da interiorização das campanhas coloniais e do assentamento católico com os Jesuítas e outras missões, que os Warao mudaram seus hábitos de coleta e alteraram suas formas de assentamento, de modo que se passou a uma economia agrícola.

Destarte, movimentações internas fazem parte da configuração cultural desta etnia, uma vez que os Warao estão acostumados a se moverem em florestas e pântanos em busca de alimentos e da *yuruma*, um amido extraído do buriti (morighe, morich ou murich) (*Mauritia flexuosa* L.), árvore fundamental para a etnia e considerada árvore da vida, uma vez que dela provém a maioria das necessidades para esses coletivos:

[...] A árvore é uma das maiores palmeiras da Amazônia, possuindo de 30 a 50 centímetros de diâmetro e de 20 a 35 metros de altura. Oferece um fruto nutritivo importante para as pessoas e animais da região. A distribuição geográfica do buritizeiro abrange toda a região amazônica, o Norte da América do Sul e estendesse pelo Nordeste e Centro-Sul do Brasil. Essa palmeira prefere áreas alagadas, igapós, beira de igarapés e rios, onde é encontrada em grandes concentrações (Cymerys, Fernandes, Azevedo, 2005).

Os insetos e larvas desta árvore detêm um forte valor nutricional, usados para alimentar as crianças e torná-las fortes, o que dá fundamento a narrativa do “Warao puro”, aquele que veio do monte, alimentado como os antigos. O que destoa desse ideal narrativo é considerado o “Warao fraco”, o totalmente outro, estranho, não considerado ameríndio verdadeiro.

Em contextos urbanos, o arranjo econômico tem se concentrado no artesanato (Figura 3) e na coleta de roupas, alimentos e dinheiro, de modo a garantir a subsistência da comunidade nas cidades. No entanto, muitas dessas modalidades de sustento estão se tornando cada vez mais escassas, e isso gera uma constante frustração associada a dificuldade de domínio da Língua Portuguesa, o que limita as formas de conseguir trabalho.

Figura 3: Artesanato Warao



Fonte: Dados dos Pesquisadores

Uma outra forma de obtenção de renda é encaminhar as mulheres para as ruas. Esse tipo de comportamento se tornou uma característica marcante da etnia. No entanto, o fenômeno não é resultado do processo imigratório em si, mas dos sucessivos contatos com as cidades Venezuelanas ao longo das décadas. O hábito de ir para as ruas resulta do sentimento de invisibilização, sendo uma prática que antecede a imigração para o Brasil. Assim, os Warao saíam de suas terras em direção às cidades para reivindicar direitos básicos aos poderes públicos onde comunidades inteiras com mulheres, crianças e idosos se deslocavam para as metrópoles, a fim de protestar em frente aos Ministérios Públicos.

[...] As mulheres ficavam nas praças, as pessoas olhavam e pensavam “como essas mulheres ficam com crianças no sol e na chuva?” aí, eles se aproximavam e ajudavam aquelas famílias. Aí, as mulheres viram que as pessoas se sensibilizavam com isso, e não eram como falavam, que os não indígenas, os *Jota Warao* eram maus, então aí os Warao viram que tinham possibilidade de permanecer mais tempo na cidade para reivindicar os direitos deles, e assim se foi criando essa estratégia. A raiz disso que se ver aqui vem de lá (Pedrin Perez, 2022).

Nesse contexto, o que é visto na região metropolitana de Belém é uma estratégia que busca chamar atenção e sensibilizar as pessoas. No entanto, muitos dos Warao não querem fazer isso, e acabam sendo forçados pela fome e pelo instinto de sobrevivência, uma vez que suas necessidades de moradia, saúde, educação, renda e alimentação são cada vez mais precárias e as ações que visam intervir nesses aspectos são paliativas. Assim, a mulher é vista dentro da comunidade ameríndia como uma provedora dos recursos para a manutenção básica das comunidades. Sobre ela recai a responsabilidade da coleta do dinheiro, alimentos ou outros recursos que possam

garantir o sustento da família, tornando-se comum visualizar nas ruas e avenidas da capital paraense grupos de mulheres pedindo doações.

2 Seleção do colaborador

A seleção do colaborador para participar do estudo considerou a liderança do *Aidamo* Warao, Sr. Valentim Perez (Figura 4), como porta-voz de sua família. O *Aidamo* Valentin é chefe de uma família de pouco mais de quinze (15) pessoas que atualmente moram no abrigo municipal. Sua chegada na cidade foi em 2018 depois de uma viagem de mais de dez (10) dias, passando por estradas e rios, como ele mesmo relata:

[...]Eu cheguei vindo da Venezuela, uma noite vindo da Venezuela, cheguei ao terminal Santa Helena. No outro dia, cheguei em Pacaraima, em outro dia cheguei em Manaus, de Manaus peguei um barco, cinco dias e cinco noites de Manaus para chegar aqui em Belém de barco. Assim que eu vim (Valentim, 2022).

O *Aidamo* Valentin é uma peça central para esse estudo, não somente pelo *status* de liderança, mas por ser uma pessoa que tem vivido os aspectos de transição dos hábitos ameríndios para uma postura urbana. O motivo de sua vinda para Belém se deu por conta da dificuldade de sobrevivência na Venezuela - oriunda da crise econômica que atingiu o país nos últimos anos. Assim, questões como acesso à saúde, emprego, renda e alimentação foram os principais fatores que fizeram a comunidade liderada pelo *Aidamo* saírem de seus territórios em busca de melhores condições de vida.

A escolha do colaborador foi baseada nos costumes da etnia Warao e seguiu o que é prescrito no protocolo de consulta prévia do Povo Warao em Belém do Pará (2020):

[...] devemos participar da consulta de forma coletiva, quando necessária e emergencial, através de nossos representantes que devem ser indicados por cada grupo familiar que se encontre em processo migratório e que esteja presente na cidade de (Belém/PA). Nossos representantes serão responsáveis por nos comunicar as decisões e os acordos feitos nas reuniões com o governo ou com a organização consultante para tratar das principais necessidades que afetam as nossas famílias, tais como nas áreas de abrigamento, assistência humanitária, educação, trabalho, saúde em geral e outras que possam ser de nosso interesse. (Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao em Belém do Pará, 2020).

A abordagem de investigação priorizou o respeito aos valores culturais e aos princípios da consulta prévia, reconhecendo a importância de uma relação de confiança e diálogo com a liderança da etnia durante o processo de pesquisa.

A delimitação do estudo considerou os seguintes critérios: a) ser ameríndio Warao; b) estar residindo em Belém; c) ter assinado o TCLE (Espanhol e Português); d) considerar o que prescreve a resolução 466/12 CEP/CONEP para pesquisas com seres humanos; e) ser maior de 18 anos.

O propósito fundamental consistia em estabelecer uma convivência intrínseca com as dinâmicas cotidianas, práticas culturais, e costumes tradicionais. Neste contexto, o delineamento da investigação se pautou na estrita aderência aos princípios do Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao (2020), que demandava a observância das estruturas organizacionais comunitárias dessa etnia.

Figura 4: O Aidamo Valentin Perez



Fonte: Dados do pesquisador

Devido ao interesse investigativo num grupo muito específico dentro da etnia, a obtenção dos dados foi realizada com base no método da história oral temática, proposta por Garnica (1998), visando o aprofundamento e a compreensão da dinâmica religiosa nas relações parentais, preenchendo lacunas de conhecimento devido à falta de registros históricos que abordem esse aspecto específico. Em outras palavras, essa abordagem possibilitou recuperar memórias e experiências vividas com enfoque na compreensão profunda das práticas religiosas e das relações parentais dentro das comunidades.

3 Procedimentos Éticos

As entrevistas realizadas para esta pesquisa ocorreram ao longo dos anos de 2020 a 2023, por meio de visitas aos abrigos municipais de Tapanã. Todas as etapas foram conduzidas em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CONEP).

No campo, o interlocutor foi convidado a participar do estudo, e nesse processo inicial, foram fornecidas explicações detalhadas sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, os métodos utilizados, os potenciais benefícios, bem como quaisquer riscos ou desconfortos que pudessem surgir como resultado da participação. Esse estágio serviu como base para a obtenção do Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes, conforme estabelecido pelo item IV.1 da Resolução 466/2012, no qual o mesmo aceitou em participar, de forma voluntária, do estudo intitulado “Tradições Bioculturais em Circunstâncias Migratórias: Um estudo de caso com ameríndios

Warao na cidade de Belém, Pará”, do qual essa pesquisa deriva. O projeto foi enviado e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer: 5.433.970.

Durante esse processo foram considerados os seguintes pontos: a) A melhor ocasião: Buscou-se determinar o momento, as condições e o local mais adequados para fornecer esclarecimentos, levando em consideração as particularidades do colaborador e respeitando sua privacidade; b) A forma mais adequada: Foram utilizadas estratégias que tornassem as informações claras e acessíveis, levando em conta a cultura, a faixa etária, a condição socioeconômica e a autonomia do colaborador da pesquisa; c) O tempo necessário: Foi concedido o tempo adequado para que o colaborador pudesse refletir sobre a decisão de participar.

Esses procedimentos visaram garantir que a participação da liderança Warao na pesquisa fosse voluntária, informada e baseada em uma compreensão completa dos objetivos e implicações do estudo, respeitando suas especificidades culturais e individuais.

4 Interpretação e análise dos dados

Os dados etnográficos foram colhidos nos anos de 2020-2023 no espaço de abrigo no Tapanã, considerando as colaborações do *Aidamo* Valentim Perez. Foram realizadas mais de 80 visitas no abrigo (sem contar as reuniões e atividades fora desse espaço). A interpretação dos dados levou em consideração a bibliografia prévia, documentos da ONU-ACNUR e de outros departamentos públicos que lidam direta e indiretamente com a questão dos Warao na cidade de Belém/PA.

As ferramentas da história oral, temática proposta por Garnica (1998) possibilitaram uma profícua análise das entrevistas com o intento de recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas, trabalhando com o testemunho oral do colaborador (Capelle et al., 2010). Para consultar esses fatos pretéritos, foram aplicadas perguntas que giraram em torno dos seguintes eixos: “momentos marcantes desse deslocamento”; “perdas materiais” e “relatos do cotidiano para o tratamento de doenças”.

Para complementar as informações das histórias de vida, o colaborador foi questionado ainda sobre como se “enxerga”, “autodetermina” e se “conceitua”, na ideia de que essas indagações perpassam a concepção da subjetividade e que, portanto, está intrinsecamente ligada à ideia de cultura, comunidade, identidade e religiosidade, recorrendo à memória para a construção da narrativa que o autodetermina.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A religiosidade Warao no espaço de abrigo

A religiosidade Warao no espaço de abrigo em Tapanã pode ser descrita a partir de suas instituições cosmológicas, que incluem elementos como mitos e ritos de bruxaria e cura, bem como experiências não-humanas, como sonhos e premonições. Frequentemente, é dentro dessas categorias que os mecanismos de significado se manifestam como normativos para a comunidade. No entanto, essa organização prático-religiosa não é facilmente acessível, uma vez que seu conteúdo é mantido em segredo.

É importante observar que, no espaço de abrigo, os Warao não têm o costume de realizar rituais públicos, o que torna desafiador o processo de análise e interpretação

de sua religiosidade. No entanto, existem quatro momentos específicos em que alguns rituais atraem audiências, estes, geralmente, quando envolvem práticas relacionadas a *daño* (malefícios), bruxaria, feitiços e/ou doenças. Embora esses termos possam parecer sinônimos, na prática Warao, eles representam diferentes estados de exercício mágico e religioso.

O *daño*

Identificou-se diversas modalidades de aplicação para o conceito de *daño* entre as comunidades Warao. No geral, trata-se de uma prática que envolve rituais: rezas, sopros, manipulação de objetos e uso de fumos, assemelhando-se, em certa medida, a rituais de malefício.

Uma das práticas mais comum de *daño* é através do olhar, sendo essa manifestação reconhecida entre os Warao como "o male del ojo". Trata-se de uma das formas mais perigosas de infligir um indivíduo, com um destaque especial para a sensibilidade em relação ao próprio ato de olhar. Desta forma, qualquer olhar permeado por sentimentos como raiva, ou que seja passível de interpretações ambíguas, é considerado um potencial gerador do "male del ojo". Tal situação pode originar problemas, conflitos e até mesmo disputas entre pessoas. As crianças estão particularmente suscetíveis a esse tipo de *daño*, o que leva à adoção de medidas preventivas, como a utilização de tornozeleiras ou pulseiras dotadas de algum valor mágico religioso.

Os conflitos familiares ou entre indivíduos também são interpretados como uma categoria de *daño*, frequentemente envolvendo a realização de rituais destinados a prejudicar ou até mesmo eliminar uns aos outros.

Identificação e Cura de um *daño*

É consensual que o primeiro passo para a cura de um *daño* é identificar a fonte do malefício. Essa revelação só é possível através de um bruxo legitimado pela comunidade, que mantém relações favoráveis com a(s) família(s) afetada(s). Existem duas abordagens para a identificação da origem ou mecanismo de aquisição do *daño*: a primeira ocorre por meio de sonhos, onde os detalhes do malefício são revelados; a segunda envolve um contato direto.

Uma vez que a fonte do *daño* é identificada, o próximo passo envolve tentativas diplomáticas de alcançar acordos para a remoção do malefício. Quando essas negociações falham, torna-se necessário recorrer a um *bahanaroto*, a fim de promover a cura.

O ritual de cura realizado pelo *bahanaroto* envolve a reversão do *daño* àquele que o lançou, operando como uma forma de retaliação pelo malefício. No entanto, há uma dificuldade em encontrar um *bahanaroto* disponível para realização desses rituais em Belém, o que leva, muitas vezes, os Warao a buscarem parentes e amigos na Venezuela.

Nesse contexto, percebe-se uma necessidade comum entre os Warao de fundamentação metafísica para explicar o mal, com variações na interpretação e ênfase de valores que dependem das circunstâncias específicas de cada comunidade. O fenômeno do *daño* é uma variável factual que se manifesta de forma quase universal entre as comunidades Warao em diáspora, o que leva essas pessoas a adaptarem suas

práticas de proteção contra doenças, frequentemente incorporando elementos de orações e cânticos.

Os Bruxos

Nesse cenário, é crucial compreender as categorias e o *status* dos indivíduos que conduzem os rituais na etnia, fazendo uma distinção entre os Bruxos e os *Wizidato*. De forma geral, ambos os grupos lidam com personagens antagônicos associados ao bem e ao mal que transitam na comunidade, usufruindo de direitos decorrentes de seus poderes espirituais. O *Aidamo* Valentin relata algumas das situações de cordialidade que devem ser mantidas ao entrar em contato com um indivíduo identificado como Bruxo:

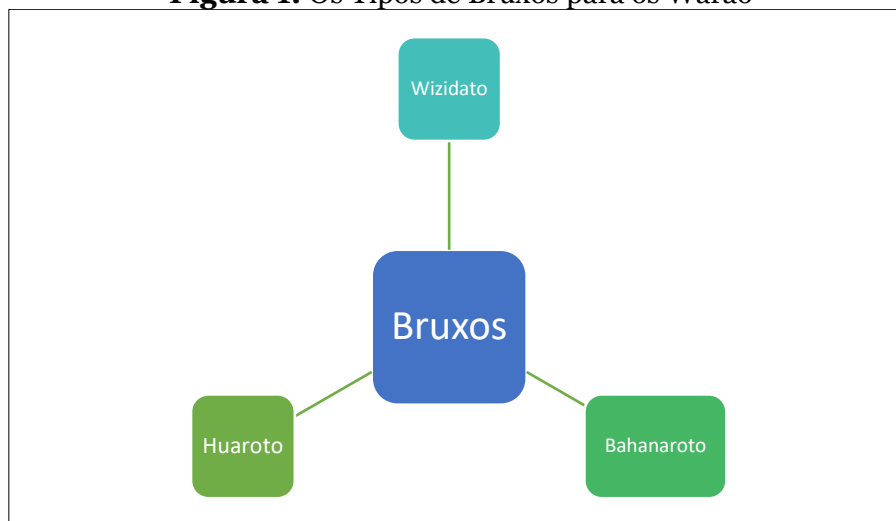
[...] agora assim, meu amigo, eu não sou bruxo. Mas eu aqui olhando eu digo que acho que aquele seja bruxo, e aquele, e aquele, aí eu penso em te dizer “muito cuidado com esse senhor, ele sabe de bruxaria. Não fala mal com ele”. Se tu tem comida, dar comida para ele. Se o bruxo chegou na casa de qualquer um, nós temos que dar comida, temos que dar um real. Exemplo: se chega um bruxo aqui, nós temos que ir lá, cercá-lo, saudá-lo, perguntar como vai as coisas. Tem que ser bem realista para não comprar briga, para ele não ficar contra nós e ficar tudo em paz. Agora se chega um bruxo aqui com fome, e tu não dar real, não dar comida, e come bastante tudo diante do bruxo, e ele tá vendo que tu tem bastante comida, que tu tem real, e tu fica comendo tudo isso na frente dele. Aí ele já diz “esse homem é mal porque não quer me dar comida” então ele já se prepara para te danhar [colocar o dano]. É assim que Warao adoce. Por isso tem que tomar cuidado com os bruxos (Valentin, 2022).

Muitos Warao buscam reivindicar a categoria de bruxo como uma estratégia de sobrevivência e controle em suas respectivas comunidades, o que frequentemente resulta em conflitos e violência constantes entre os membros da etnia. Ser um bruxo em uma comunidade Warao implica deter o controle sobre aspectos emocionais, financeiros e, em alguns casos, até mesmo de liderança. Isso ocorre devido ao temor instilado nas pessoas, decorrente da capacidade do bruxo de remover ou neutralizar o *dano*.

É inevitável considerar o bruxo como um agente atuante em uma realidade objetiva, na qual as condições fisiológicas são interpretadas sob uma perspectiva mística. Além disso, ser um bruxo configura uma identidade baseada em conhecimento, por meio das explicações fornecidas sobre os infortúnios que afetam as pessoas, contribuindo para a formação de um sistema de valores destinado a regular o comportamento dos Warao.

Diferentemente de muitos grupos étnicos, o bruxo é sempre uma pessoa conhecida, uma vez que depende da legitimidade das comunidades e famílias para que suas habilidades sejam reconhecidas. Nesse contexto, identificaram-se três categorias distintas de bruxos entre os Warao (Figura 1).

Figura 1: Os Tipos de Bruxos para os Warao



Fonte: dados dos pesquisadores

O *huaroto* é o tipo de bruxo mais perigoso que se envolve em práticas rituais que incluem o uso de sangue. No entanto, alguns Warao afirmam que os *huaroto* permaneceram na Venezuela devido ao seu ideal ascético. Por outro lado, o *Bahanaroto* é aquele que emprega o *Bahana* em suas práticas. O *Bahanaroto* é um bruxo Warao que colabora com agentes espirituais benevolentes, desfazendo *daños* e promovendo a cura. Esses especialistas mantêm uma identidade discreta devido aos seus valores ascéticos e místicos.

Para que haja algum tipo de controle sobre os bruxos na comunidade, é necessária uma contradição: a permissão para que esses indivíduos convivam na própria comunidade, com o propósito de proteger e resguardar seus membros. A esses bruxos é atribuído o título de "professor de bruxos", "mestre dos bruxos" ou simplesmente "bruxo", atribuindo-lhes uma função na organização religiosa da comunidade.

O *Wizidato*

A religiosidade destes grupos no espaço de abrigo agencia comportamentos e reorganiza o espaço social das interações afetivas, de modo que as necessidades coletivas desempenham um papel prático, sendo, por muitas vezes, os próprios signos religiosos moedas de troca no ambiente de interação. Nesta perspectiva, o *Wizidato* é compreendido como um médico tradicional que tem os conhecimentos específicos e naturalistas.

[...]Wizidato é como um doutor da alma. Que cura com a mão as dores, cura a febre, a dor de cabeça, a dor do corpo. Ele chama os espíritos para ajudar. Ele usa a maraca. Tu conhece a maraca? Ele pega a maraca e toca assim, ele fala, fala, fala, tocando assim, falando, para que saia teu espírito mau (Sr. Valentin Perez, 2022).

Os *Wizidatos* fazem a conexão com o mundo dos espíritos e operam rituais místicos a partir das seguintes categorias (Tabela 1).

Tabela 1: Categorias de operações rituais do *Wizidato*:

Música	Que pode ou não ser bailada
Oração	Que pode ter histeria
Reza	Que pode ser com velas
	Que pode ser com Maraca
	Que pode ser com objetos (como pedras)
Sopro	Com pedras
feitiço	Com pedras ou outro objeto

Fonte: Dados dos Pesquisadores

O *Wizidato* desempenha um papel de extrema importância na sociedade Warao. Sua legitimidade é estabelecida a partir da construção de confiança dentro da esfera familiar. Normalmente, esse *status* está associado a um conhecimento secreto que é transmitido ao longo das gerações, com foco especial na dimensão dos sonhos. Dessa maneira, o *Wizidato* é alguém que se educa na chamada "escola dos espíritos", a qual se manifesta no mundo dos sonhos. Aidamo Valentim fornece informações sobre o processo de formação do *Wizidato* e sua relevância na sociedade Warao.

[...] Eu por exemplo não posso ser *wizidato*, primeiro porque tem que aprender... leva uma semana, duas semanas ou um mês. Depois disso eu já posso ser *Wizidato* se aprender. Como eu aprendo? Sonhando! Sonho com os espíritos. (Aidamo Valentin, 2022)

Outra possibilidade para a formação de um *Wizidato* é a experiência de epifania, a qual depende das vivências prévias do indivíduo. Independentemente do caminho escolhido, a construção e manutenção de relações de confiança e prestígio desempenham um papel crucial, uma vez que constituem a base da legitimidade do indivíduo que ascende à categoria.

A maioria dos *Wizidatos* realiza rituais de cura com o uso de uma maracá. Esse objeto carrega duas dimensões fundamentais: a *crença* de que contém múltiplos espíritos, e, nesse contexto, o *Wizidato* deve ser capaz de evocá-los; e a *noção* de que a maracá funciona como um portal de transição entre o mundo tangível e o espiritual, podendo resultar na abertura de portas desconhecidas.

Outro elemento empregado nos rituais é o *cigarro de uina*, fumo produzido a partir de um tabaco específico feito da casca de uma árvore. O uso desses elementos não representa apenas um dom, mas também, um conhecimento prático. Também, há o consumo de uma bebida ritualística conhecida como *caciri*, feita a partir de cana-de-açúcar, semelhante à garapa, a qual é fermentada por 15 dias. Tradicionalmente, a bebida é consumida em festas, celebrações e rituais fúnebres. O *caciri* foi aos poucos sendo substituída por bebidas alcoólicas comuns, passando a desempenhar o papel de bebida sagrada entre alguns Warao. Essa mudança de hábitos deveu-se ao processo de (des)territorialização pós-colonial, onde o uso de bebidas alcoólicas configura uma prática de *Criollos*, levando muitos Warao a reivindicarem o *caciri* como a única bebida ritualística possível. Esses elementos representam uma assimetria, decorrente da incorporação de práticas provenientes de áreas urbanas e do contato com outras expressões religiosas, como o espiritismo venezuelano, o que gera uma luta interna

pela reafirmação da identidade de seus rituais, mesmo quando fora de seu território tradicional.

Considerações Finais

Ao longo deste estudo, exploramos profundamente a religiosidade e as práticas místicas da comunidade Warao, particularmente no contexto de abrigo no Tapanã. Observamos as cosmovisões étnicas e suas expressividades, no qual as práticas religiosas desempenham um papel fundamental na vida cotidiana, de cura de doenças e na resolução de conflitos.

A figura do *Wizidato* se destacou como um elemento crucial na comunidade Warao. Sua legitimidade é construída com base na confiança e na transmissão de conhecimento entre gerações, muitas vezes centrada na dimensão dos sonhos. Isso revela a importância das relações familiares e da confiança na construção da figura do *Wizidato*.

Além disso, identificamos diferentes categorias de bruxos entre os Warao, cada uma com seu próprio conjunto de habilidades e funções na comunidade, onde desempenham papéis variados, desde a cura até a proteção contra malefícios. Essas figuras são tanto agentes de uma realidade objetiva quanto detentores de conhecimentos místicos que regulam as condutas e valores da comunidade.

A assimilação de práticas e elementos de outras culturas, como o consumo de bebidas alcoólicas, trouxeram uma dinâmica complexa para a religiosidade Warao, criando tensões internas e desafios para a manutenção da identidade cultural. Isso destaca a importância da adaptação e resiliência da comunidade em face das mudanças e desafios enfrentados em seus deslocamentos territoriais.

O papel do *Wizidato*, como um detentor de conhecimento transmitido por gerações, enraizado na dimensão dos sonhos, destaca a importância das relações de confiança e da família na construção e manutenção da legitimidade desses líderes religiosos. Além disso, as diferentes categorias de bruxos, como os "huaroto" e os "Bahanaroto," demonstram a riqueza e a diversidade das práticas rituais e do conhecimento místico dentro da comunidade, no qual a incorporação de elementos e práticas de outras culturas, como o uso de bebidas alcoólicas, apresenta desafios para a preservação da identidade cultural da etnia. Essa dinâmica complexa ressalta a resiliência do grupo diante das mudanças e desafios decorrentes de deslocamentos e contatos com outras expressões religiosas.

Referências

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Mid-Year Trends*, 2021.

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Os Warao no Brasil: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes*. 2021.

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Relatório Semestral ACNUR*, Belém. Relatório de Atividades. Agosto-Dezembro, 2021.

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Relatório Semestral ACNUR. *Cartilha sobre acesso à terra e moradia para pessoas refugiadas e migrantes no Brasil*. Dezembro, 2021.



- ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Voices das Pessoas Refugiadas no Brasil: Diagnósticos Participativos do ACNUR*. 2020.
- ALENCAR, J. C. et al. (Org.). *Protocolo de consulta prévia do Povo Warao em Belém/PA*. Belém: EDUEPA, 2020.
- ALLAIRE, L. The Caribs of the Lesser Antilles. *The indigenous people of the Caribbean*, p. 179-185, 1997.
- ANASTÁCIO, S.M.G. MELO, M.G.P. SILVA, C.N. *Nômades Contemporâneos: Famílias expatriadas e um mosaico de narrativas*. Vieira & lent. Rio de Janeiro, 2009.
- CASTRO, L. Lugares de Memória dos Trabalhadores #44: Hospedaria Tapanã, Belém (PA). *Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (EHM)*. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-44-hospedaria-tapana-belem-pa-lara-de-castro/>. Acesso em: out. 2021.
- CYMERYS, M. FERNANDES, N.M. AZEVEDO, O.C. Buriti: *Mauritia flexuosa* L.f. In: GARNICA, A. V. M. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. *História Oral*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 35-53, 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/559>. Acesso em: 17 set. 2022.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEMOS, F. C. S.; MORAES JR, Manoel Ribeiro. O grupo como dispositivo ético, estético e político de governo de si e dos outros. *Estudos Contemporâneos Da Subjetividade*, v. 13, p. 224-231, 2023.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e significado*. Lisboa: edições, v. 70, 1978.
- PORTAL, T. M.; MORAES JR, Manoel Ribeiro. Práticas cosmopolíticas de educação e resistência Ka'apor: A educação Jumueha Renda Keruhu e a Marcha em memória a Sarapó Ka'apor. *Davar Polissêmica*, v. 18, p. 460-473, 2023.
- SHANLEY, Patrícia; MEDINA, Gabriel (Ed.). *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Cífor, 2005. Pag. 183-190.